

ACTA NÚMERO TRÊS

Aos oito dias do mês de Janeiro do ano de dois mil e oito, pelas 10 horas e 30 minutos reuniu, na sala dois, a Subcomissão de Agricultura, Desenvolvimento Rural e Pescas com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Audiência com a Confederação Nacional da Agricultura – CNA (10h e 30m);
2. Audiência com a Federação Nacional dos Apicultores de Portugal – FNAP (11h e 30m).

Estavam presentes os Senhores Deputados constantes do Livro de Presenças.

O Senhor Presidente da Subcomissão, Deputado Miguel Ginestal deu início aos trabalhos cumprimentando todos os Senhores Deputados presentes e a delegação da CNA que era composta pelos seguintes elementos: Alexandre Pirata, Roberto Mileu, João Vieira e Lino Charra.

O Senhor Presidente deu uma explicação pelo atraso desta audiência (tivemos mais de dois meses sem existirmos formalmente), referiu ainda que a metodologia das audiências se mantém, como o usual, isto é, primeiro fará a sua intervenção a CNA, seguindo-se os Grupos Parlamentares e encerra a CNA respondendo às questões colocadas.

A CNA produziu a sua intervenção, fazendo entregue de alguma documentação, que segue em anexo, e de um CD sobre a apreciação e propostas da CNA em relação ao “EXAME de SAÚDE da PAC” (uma cópia será entregue a cada Grupo Parlamentar).

Colocaram questões os Senhores Deputados José Miguel Gonçalves, Agostinho Lopes, Carlos Poço, Carloto Marques e Jorge Almeida.



CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA AGRICULTURA – CNA
Fillada na Coordenadora Agrícola Europeia – CPE (Bruxelas)

185
Distribuir e marcar
para 24/Outubro - 11h00.
02.10.07
J. Dinis

Excelentíssimo Senhor,

Presidente da Subcomissão de Agricultura, Desenvolvimento Rural e Pescas.

Assunto:- **pedido de audiência.**

Excelência :

Solicita-se a marcação de uma audiência com a Subcomissão considerando a importância do momento agrícola que se vive.

Tomamos a liberdade de propor a abordagem, nomeadamente :

1 – A próxima reforma da OCM do Vinho e o preocupante quadro proposto pela Comissão Europeia tendo sobretudo em conta as especificidades nacionais.

2 – Os atrasos com a aprovação do PDR, 2007 – 2013, e alguns dos consequentes prejuízos que já recaem sobre os Agricultores, a Lavoura e as Organizações Agro-Rurais.

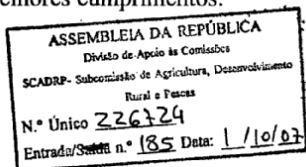
3 – A crónica e asfixiante falta de pagamento, pelo Governo, das dívidas do Estado para com os Agricultores – por execução de projectos institucionais – e para com a CNA – por prestação de serviços, da responsabilidade do Estado, aos Agricultores.

4 – Os altos custos das contribuições mensais das Agricultoras e dos Agricultores para a Segurança Social e a falta de medidas correctivas desta situação.

5 - O anunciado “check-up” à PAC e as preocupantes dinâmicas já desencadeadas a pretexto.

...

Com os melhores cumprimentos.



Coimbra, 27 de Setembro de 2007

Pel' A Direcção Nacional da CNA

João Dinis
(João Dinis)

Nota:- em anexo se envia documentação decorrente da Concentração de Agricultoras e Agricultores, a 17 de Setembro, no Porto, durante o Conselho Agrícola Informal sob Presidência Portuguesa.

Sede Rua do Brasil, 155 • 3030-175 Coimbra • tel 239 708960 • fax 239 715370 • url www.cna.pt • e-mail cna@cna.pt
Delegação Lisboa Rua do Salitre, 171-1º • 1250-199 Lisboa • tel 21 3867335 • fax 21 3867336 • e-mail cna.lisboa@cna.pt
Delegação Bruxelas Place Bara, 18 – Entresol • 1070 Bruxelas • tel 003225273789 • fax 003225273790



CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA AGRICULTURA – CNA

Filiada na Coordenadora Agrícola Europeia – CPE (Bruxelas)

Excelentíssimo Senhor,
Ministro da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas:

Assunto:- as propostas e reclamações concretas, e de maior incidência nacional, da CNA e dos Agricultores hoje concentrados na cidade do Porto.

Excelência :

Para além das propostas e reclamações constantes no documento comum – CNA – CPE – COAG -- que hoje mesmo também se entrega a Vossa Excelência, no caso enquanto Presidente em Exercício do Conselho Agrícola da União Europeia, a CNA também entende entregar este documento de maior incidência nacional.

Assim, e em síntese, são os seguintes os principais assuntos para os quais também reclamamos a melhor atenção:

-- Garantias de Escoamento, a melhores preços à Produção, para Vinho, Fruta, Hortícolas, Carne, Leite e Madeira.

-- Combate à especulação com os preços no Consumidor e às traficâncias com Produtos Alimentares;

-- A redução dos custos dos Factores de Produção, desde logo do Gasóleo Agrícola. Reposição da Ajuda à Electricidade Verde.

-- Criação de uma linha de crédito altamente bonificado, exclusivamente para que as Adegas Cooperativas paguem as dívidas que têm para com os seus associados, os Agricultores

-- O pagamento, urgente e total, das várias dívidas do Estado/Governo à Lavoura e à CNA.

Salienta-se que se mantém na ordem de 1 milhão e 500 mil Euros a dívida à CNA e Associadas “só” pela falta de pagamento, pelo MADRP, de reembolsos da Formação Profissional ! Trata-se de uma situação anómala e que provoca o estrangulamento financeiro da CNA e Associadas.

Sede Rua do Brasil, 155 • 3030-175 Coimbra • tel 239 708960 • fax 239 715370 • url www.cna.pt • e-mail cna@cna.pt
Delegação Lisboa Rua do Salitre, 171-1º • 1250-199 Lisboa • tel 21 3867335 • fax 21 3867336 • e-mail cna.lisboa@cna.pt
Delegação Bruxelas Place Bara, 18 – Entresol • 1070 Bruxelas • tel 003225273789 • fax 003225273790

-- Nós queremos, e Portugal precisa de um PDR para a Lavoura e para o Mundo Rural. Por isso, reclama-se a rápida definição e melhor regulamentação do PDR – Programa de Desenvolvimento Rural, 2007 – 2013, desejavelmente rectificado, sem burocracia e com Ajudas melhor distribuídas de forma a apoiar as Explorações Agrícolas Familiares e as Produções Tradicionais/Regionais;

-- Apoios prioritários para a Floresta de uso múltiplo e para o correcto Ordenamento Florestal, o que também exige a realização do Cadastro Florestal.

-- Manutenção dos actuais apoios ao investimento nas áreas Comunitárias de Baldios; melhoria no funcionamento das instituições: - IFAP ; Gabinete de Planeamento; DGRF; maior autonomia dos Órgãos Gestores dos Baldios e o escrupuloso cumprimento da Lei dos Baldios por parte da Administração Pública.

-- A reavaliação da legislação sobre o Licenciamento das Explorações Pecuárias de tipo familiar tendo em conta o número dos respectivos animais, de forma a isentar do licenciamento todas as Explorações de Produção Caseira. Acesso a mais apoios disponíveis e “modulados” – a nível do PDR e do QREN - para os projectos das Explorações Agro-Pecuárias cuja dimensão efectivamente recomende adaptações e outras melhorias.

-- A grande redução do custo das Contribuições Mensais para a Segurança Social das Agricultoras e dos Agricultores, por escalões consoante os rendimentos das Explorações e sem perda de direitos.

-- A definição de um Seguro Agrícola destinado a garantir o rendimento das Explorações Familiares, para o que o Governo também deve envolver a União Europeia com vista ao respectivo financiamento público.

-- A rejeição do essencial das propostas da UE para a anunciada Reforma da Organização Comum de Mercado, OCM, do Vinho, a qual, se for aprovada, pode significar o fim da Vitivinicultura mais tradicional e que ocupa a grande maioria dos Vitivinicultores Portugueses. Em especial, poderá vir a ser muito prejudicada a Região Demarcada do Douro..

-- A reavaliação da recentemente aprovada reforma da Organização Comum de Mercado, OCM, das Frutas e Hortícolas por forma a salvaguardar a produção das Explorações Familiares de Hortofrutícolas;

Sim, nós queremos produzir e queremos mais respeito pela Democracia !

As Agricultoras e os Agricultores Portugueses querem produzir para também assim desenvolverem o Mundo Rural Português.

Para esse efeito, é necessária uma **outra e melhor PAC** e são necessárias **outras e melhores** políticas agrícolas nacionais.

Sim, nós queremos outras e melhores políticas agro-rurais que valorizem os Produtos e as Produções tradicionais / regionais de qualidade.

Com mais Ajudas Públicas atribuídas prioritariamente à Agricultura Familiar, aos Mercados Locais/Regionais, à pequena e média Agro-Indústria, consoante as “especificidades” de cada região. Afinal, tal como se reclama desde a adesão de Portugal à então CEE.

Sim, nós queremos uma **outra e melhor PAC e outras e melhores** políticas agrícolas nacionais que consagrem e remunerem a actividade e a função social das Explorações Agrícolas Familiares como sendo uma actividade e uma função de “utilidade pública”.

Paguem-nos o nosso trabalho!

Nesse sentido, as Organizações Agro-Rurais têm direito a ser ressarcidas pelo Estado e pela União Europeia pelo esforço e pelo trabalho que desenvolvem ao serviço dos Agricultores e do País.

Paguem-nos o que nos devem !

Aqui se reclama por mais respeito pelo Movimento Associativo Agrícola e pela Democracia. Para o efeito, o MADRP deve abandonar a actual tendência em hostilizar a CNA e as Organizações Agro-Rurais.

O MADRP e o Governo devem aceitar o diálogo e a concertação institucionais como uma das formas de contribuir para a resolução dos muitos e graves problemas da Lavoura e do Mundo Rural Português.

- Por mais e melhores Serviços Públicos nos Meios Rurais -

Para combater a desertificação humana e manter vivo o Mundo Rural, o Governo **não** pode encerrar as Escolas, os Centros de Saúde, as Maternidades, as Urgências Hospitalares, as Zonas Agrárias e outros Serviços Públicos.

Para as Populações Rurais, para o desenvolvimento mais harmonioso das suas regiões, para promover a coesão territorial, é essencial que se mantenham, criem e melhorem Serviços Públicos de qualidade e acessíveis.

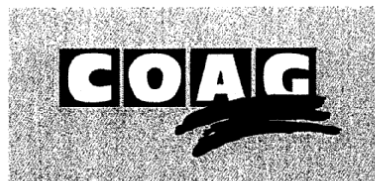
Porto, 17 de Setembro de 2007

A Direcção Nacional da CNA
As Associadas da CNA
As Agricultoras e os Agricultores hoje concentrados



CPE

*Coordination Paysanne Européenne
Coordenadora Agrícola Europeia
European Farmers Coordination*



Excelentíssimo Senhor, Presidente em Exercício do Conselho Agrícola da UE

- Com conhecimento a outros Órgãos de Soberania.

Assunto:- documento conjunto – CNA – CPE – COAG – com propostas e reclamações decorrentes da Concentração de Agricultoras e Agricultores hoje aqui realizada, no Porto, por ocasião do Conselho Agrícola Informal.

Excelência:

A CNA, a CPE e a COAG promovem, no Porto, uma grande Concentração, de Agricultoras e Agricultores que também contou com a adesão de outras estruturas associativas de entre as quais o SLG, Sindicato Labrego Galego, da Galiza.

O lema geral da Concentração é :

**Agricultoras e Agricultores querem produzir
para Desenvolver o Mundo Rural !**

...
Sim ! Nós queremos *outra* PAC !

As Organizações co-promotoras – CNA – CPE – COAG - têm como principais propostas e reclamações a apresentar ao Conselho Agrícola, à Comissão Europeia e a outros Órgãos de Soberania :

- A promoção de outras e melhores políticas agro-rurais que proporcionem preços mais compensadores à Produção, consoante as regiões e os custos de Produção.
Para isso, é necessária uma *outra e melhor* PAC – Política Agrícola Comum, que consagre e premeie a actividade das Explorações Agrícolas Familiares como uma actividade de “utilidade pública” dadas as suas repercussões muito positivas aos níveis, social, ocupação de território, ambiental e, ainda, como sendo a melhor garantia para uma alimentação saudável e acessível.
- A **rejeição** do essencial das propostas da UE para a Reforma da Organização Comum de Mercado, OCM, do Vinho.
Assim, **rejeita-se** nomeadamente:- o fim dos direitos de plantação de Vinhas (a partir de 2 014); o fim das Ajudas da PAC às Destilações de Vinhos; a comercialização de “vinhos” sem indicação da respectiva origem geográfica; a liberalização das trocas comerciais à escala quase global; o arranque de Vinhas (ainda que com Ajudas “aliciantes”...) em regiões de produção mais tradicional e sem grandes alternativas; a deslocalização da Produção de Vinho e a sua concentração nas grandes empresas agro-industriais.
- Uma reavaliação da recentemente aprovada Organização Comum de Mercado, OCM, das Frutas e Hortícolas, de forma compatível com a Produção das Explorações Agrícolas Familiares;
- O aumento das verbas previstas no Orçamento Agrícola da UE para a Agricultura, e “não” às reduções anuais efectivamente já previstas;
- Ajudas ligadas ao máximo à Produção – portanto “não” ao actual desligamento das Ajudas -- e com a simultânea aplicação obrigatória, para todos os tipos de Ajudas da PAC, da verdadeira “modulação” – a redução das Ajudas por escalões e segundo os rendimentos - e do “plafonamento” – com a imposição de tectos ou limites máximos às Ajudas, por Agricultor.
Ao mesmo tempo, reclama-se a redistribuição mais justa das verbas assim obtidas de forma a apoiar, mais e melhor, a Agricultura Familiar e o Mundo Rural em cada Região e País da UE;
- A manutenção e o aperfeiçoamento dos instrumentos e mecanismos de salvaguarda das Produções Regionais, como sejam as “quotas” e os “direitos de produção/plantio”, entre outros;
- A manutenção e melhoria dos Serviços Públicos - de qualidade e proximidade - no Mundo Rural.

- O respeito pelo “princípio da precaução” e pelo “direito de opção” em matéria de OGM - Organismos Geneticamente Modificados, o que também implica a aplicação de uma nova “moratória” europeia ao cultivo de OGM;
- A simplificação da burocracia da PAC e a consagração das “especificidades” regionais no âmbito das políticas agro-rurais. Perante estes objectivos, não é admissível que, a pretexto de uma “simplificação” da PAC, a UE venha a criar uma Organização Comum de Mercado, OCM, “única” mas que de facto signifique mais uma gravosa Reforma da PAC, e já em 2008.
- A reafirmação da produção de Alimentos como sendo a mais nobre e prioritária função dos Agricultores e da Agricultura e, como tal, a função e a actividade mais estimuladas pela UE. Isto para também contrapor à actual campanha em torno da produção, intensiva e generalizada, dos agro-combustíveis (ou bio-combustíveis);
- A definição de uma política florestal europeia, respeitadora das diferentes características da floresta no espaço europeu.
- Pela Soberania e Segurança Alimentares das Regiões e dos Povos;
- Agricultura e Alimentação fora da OMC, Organização Mundial do Comércio!

...

Com os melhores cumprimentos.

17 Setembro de 2007

As Organizações Promotoras da Concentração

- CNA - CPE - COAG -

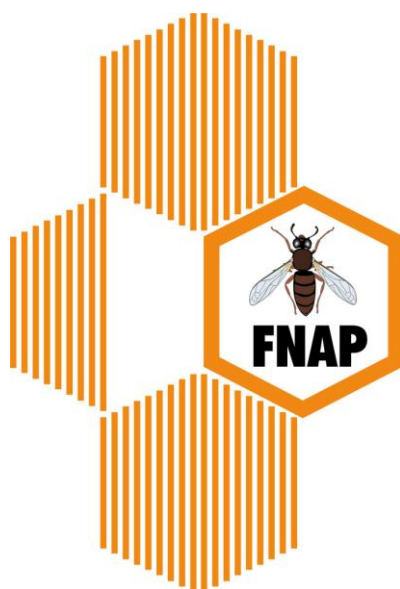
Audiência com a FNAP

Às **11h e 30m** teve lugar a Audiência com a **Federação Nacional dos Apicultores de Portugal** cuja delegação era composta pelos seguintes elementos: Manuel Gonçalves, Marco Gomes, José António Vicente e João Casaca.

O Senhor Presidente informou que a metodologia era idêntica à audiência anterior.

A FNAP procedeu à entrega de documentação, que segue em anexo.

Usaram da palavra os Senhores Deputados Jorge Almeida, José Miguel Gonçalves, Agostinho Lopes e Carloto Marques.



SECTOR APÍCOLA EM PORTUGAL PONTO DA SITUAÇÃO

**AUDIÊNCIA NA SUBCOMISSÃO DE AGRICULTURA,
DESENVOLVIMENTO RURAL E PESCAS**

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA
LISBOA, 8 DE JANEIRO DE 2008

Federação Nacional dos Apicultores de Portugal

Av. do Colégio Militar, lote 1786 1549-012 LISBOA



CARACTERIZAÇÃO DA ACTIVIDADE APÍCOLA EM PORTUGAL

Existem actualmente em Portugal cerca de 15 mil apicultores registados, correspondendo a um universo de, aproximadamente, 33 mil apiários e 555 mil colónias. Na tabela 1, apresentam-se os dados relativos à evolução da actividade entre 2004 e 2007, e apesar dos dados provirem de fontes diferentes, pode todavia concluir-se que apontam para:

- Um decréscimo significativo do número de apicultores;
- Um ligeiro decréscimo do número de apiários e colónias, o qual poderá

TABELA 1 – EVOLUÇÃO DO SECTOR ENTRE 2004 E 2007			
	2004	2007	Variação
Nº DE APICULTORES	22.000	15.267	- 30,6 %
Nº DE APIÁRIOS	34.000	32.685	- 3,9 %
Nº DE COLÓNIAS	580.000	555.049	- 4,3 %

ser ainda uma consequência dos incêndios florestais e da seca, que ocorreram nos últimos 3 anos.

FONTE: DADOS DE 2004 – FNAP
DADOS DE 2007 – DGV

Da análise da distribuição regional dos apicultores registados (Tabela 2), verifica-se que existe uma forte dispersão da actividade apícola por todo o território nacional:

- A Beira Litoral é a região onde se situa um maior número de apicultores (25,6% do total), mas é também a região onde os apicultores têm uma menor dimensão média (média de 17,8 colónias por apicultor);
- O Algarve e o Alentejo são as regiões do Continente com um menor número de apicultores, mas onde se localizam os apicultores de maior dimensão média (respectivamente, 95,5 e 62,4 colónias por apicultor);
- Os Açores são a região de Portugal com menos apicultores, menos apiários e menos colónias e a Madeira é a região do país com apicultores de menor dimensão média (11 colónias por apicultor).



TABELA 2 – DISTRIBUIÇÃO REGIONAL DO EFECTIVO APÍCOLA NACIONAL (*)								
	COLÓNIAS		APICULTORES		APIÁRIOS		APIÁRIOS POR APICULTOR	COLÓNIAS POR APICULTOR
	Nº	%	Nº	%	Nº	%		
EDM	2.042	13,4	3.252	9,9	53.592	9,7	1,6	26,2
TM	1.967	12,9	3.614	11,1	84.329	15,2	1,8	42,9
BI	1.852	12,1	4.601	14,1	75.567	13,6	2,5	40,8
BL	3.905	25,6	6.716	20,5	69.375	12,5	1,7	17,8
RO	2.136	14,0	4.347	13,3	70.210	12,6	2,0	32,9
ALT	1.611	10,6	4.449	13,6	100.573	18,1	2,8	62,4
ALG	943	6,2	4.436	13,6	90.058	16,2	4,7	95,5
RAA	295	1,9	485	1,5	5615	1,0	1,6	19,0
RAM	516	3,4	785	2,4	5730	1,0	1,5	11,1
TOTAL	15.267	100,0	32.685	100,0	555.049	100,0	2,1	36,4

(*) COLMEIAS, CORTIÇOS E NÚCLEOS
 FONTE: DGV – DADOS DE FEVEREIRO DE 2007

A análise da dimensão média das explorações permite concluir que os apicultores portugueses detêm, em média:

- 2,1 apiários (encontrando-se as regiões da Beira Interior, do Alentejo e do Algarve acima da média nacional, com, respectivamente, 2,5, 2,8 e 4,7 apiários por apicultor);
- 36,4 colónias (sendo as regiões da Beira Interior, de Trás-os-Montes, do Alentejo e do Algarve as que se encontram acima da média, com particular destaque, como já foi referido, para o Algarve e o Alentejo).

Dentro das classes de dimensão analisadas, consideram-se:

- Como apicultores não profissionais, os que detêm um efectivo inferior a 150 colónias (sendo, abaixo das 25 colónias, identificados com o auto-consumo);
- Como apicultores profissionais, os que detêm um efectivo superior a 150 colónias.

Na tabela 3, apresenta-se a distribuição da actividade apícola por classes de dimensão. A sua análise permite concluir que os apicultores portugueses são maioritariamente, pequenos e muito pequenos apicultores, e que a taxa de profissionalização do sector é extremamente reduzida (a dimensão média do apicultor português é de 36 colónias por exploração).



TABELA 3 – DISTRIBUIÇÃO DO EFECTIVO APÍCOLA POR DRA

DRA	CLASSES (Nº DE COLÓNIAS)	APICULADORES		APIÁRIOS		COLÓNIAS		EXPLORAÇÃO (DIMENSÃO MÉDIA)	
		Nº	% DO TOTAL	Nº	% DO TOTAL	Nº	% DO TOTAL	COLÓNIAS	APIÁRIOS
EDM	1-24	1.474	72,2	1.747	53,7	14.599	27,2	9,9	1,2
	25-49	326	16,0	593	18,2	10.885	20,3	33,4	1,8
	50-99	152	7,4	362	11,1	10.205	19,0	67,1	2,4
	100-149	39	1,9	142	4,4	4.521	8,4	115,9	3,6
	150-499	49	2,4	357	11,0	12.139	22,7	247,7	7,3
	» 500	2	0,1	51	1,6	1.242	2,3	621,2	25,5
	TOTAL	2.042	100,0	3.252	100,0	53.592	100,0	26,2	1,6
TM	1-24	1.201	61,1	1.440	39,8	11.753	13,9	9,8	1,2
	25-49	349	17,7	556	15,4	11.980	14,2	34,3	1,6
	50-99	232	11,8	553	15,3	15.802	18,7	68,1	2,4
	100-149	71	3,6	237	6,6	8.328	9,9	117,3	3,3
	150-499	102	5,2	606	16,8	24.639	29,2	241,6	5,9
	» 500	12	0,6	222	6,1	11.828	14,0	985,6	18,5
	TOTAL	1.967	100,0	3.614	100,0	84.329	100,0	42,9	1,8
BL	1-24	3.124	82,3	4.483	66,8	27.966	40,3	8,7	1,4
	25-49	436	11,2	1.042	15,5	14.725	21,2	33,8	2,4
	50-99	182	4,7	609	9,1	12.245	17,7	67,3	3,3
	100-149	40	1,0	210	3,1	4.709	6,8	117,7	5,3
	150-499	30	0,8	258	3,8	7.724	11,1	257,5	8,6
	» 500	3	0,1	114	1,7	2.005	2,9	668,5	38,0
	TOTAL	3.905	100,0	6.716	100,0	69.375	100,0	17,8	1,7
BI	1-24	1.189	64,2	2.063	44,8	12.221	16,2	10,3	1,7
	25-49	358	19,3	1.001	21,8	12.325	16,3	34,4	2,8
	50-99	178	9,6	673	14,6	12.001	15,9	67,4	3,8
	100-149	51	2,8	290	6,3	6.081	8,0	119,2	5,7
	150-499	51	2,8	294	6,4	12.263	16,2	240,5	5,8
	» 500	25	1,3	280	6,1	20.676	27,4	827,0	11,2
	TOTAL	1.852	100,0	4.601	100,0	75.567	100,0	40,8	2,5
RO	1-24	1.390	65,1	1.891	43,5	15.186	21,6	10,9	1,4
	25-49	418	19,6	897	20,6	14.279	20,3	34,2	2,1
	50-99	207	9,7	630	14,5	14.112	20,1	68,2	3,0
	100-149	62	2,9	309	7,1	7.530	10,7	121,4	5,0
	150-499	49	2,3	427	9,8	11.812	16,8	241,1	8,7
	» 500	20	0,5	193	4,4	7.291	10,4	729,1	19,3
	TOTAL	2.136	100,0	4.347	100,0	70.210	100,0	32,9	2,0
ALT	1-24	761	47,2	1.014	22,8	8.835	8,8	11,6	1,3
	25-49	368	22,8	727	16,3	12.718	12,6	34,6	2,0
	50-99	272	16,9	783	17,6	18.547	18,4	68,2	2,9
	100-149	70	4,3	331	7,4	8.437	8,4	120,5	4,7
	150-499	118	7,3	1.036	23,3	30.712	30,5	260,3	8,8
	» 500	22	1,4	558	12,5	21.324	21,2	969,3	25,4
	TOTAL	1.611	100,0	4.449	100,0	100.573	100,0	62,4	2,8
ALG	1-24	353	37,4	652	14,7	4.252	4,7	12,0	1,8
	25-49	222	23,5	615	13,9	7.776	8,6	35,0	2,8
	50-99	148	15,7	628	14,2	10.003	11,1	67,6	4,2
	100-149	71	7,5	414	9,3	8.470	9,4	119,3	5,8
	150-499	119	12,6	1.308	29,5	33.148	36,8	278,6	11,0
	» 500	30	3,2	819	18,5	26.409	29,3	880,3	27,3
	TOTAL	943	100,0	4.436	100,0	90.058	100,0	95,5	4,7
RAM	1-24	469	90,9	624	79,5	3.348	58,4	7,1	1,3
	25-49	32	6,2	94	12,0	1.110	19,4	34,7	2,9
	50-99	12	2,3	49	6,2	878	15,3	73,2	4,1
	100-149	2	0,4	11	1,4	223	3,9	111,4	5,5
	150-499	1	0,2	7	0,9	170	3,0	170,0	7,0
	» 500	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0,0	0,0
	TOTAL	516	100,0	785	100,0	5.730	100,0	11,1	1,5
RAA	1-24	230	78,0	273	56,3	1.794	31,9	7,8	1,2
	25-49	38	12,9	72	14,8	1.291	23,0	34,0	1,9
	50-99	19	6,4	77	15,9	1.283	22,9	67,5	4,1
	100-149	6	2,0	45	9,3	683	12,2	113,9	7,5
	150-499	2	0,7	18	3,7	563	10,0	281,6	9,0
	» 500	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0,0	0,0
	TOTAL	295	100,0	485	100,0	5.615	100,0	19,0	1,6
TOTAL	1-24	10.281	67,3	14.187	43,4	99.955	18,0	9,7	1,4
	25-49	2.547	16,7	5.597	17,1	87.090	15,7	34,2	2,2
	50-99	1.402	9,2	4.364	13,4	95.077	17,1	67,8	3,1
	100-149	412	2,7	1.989	6,1	48.982	8,8	118,9	4,8
	150-499	521	3,4	4.311	13,2	133.170	24,0	255,6	8,3
	» 500	104	0,7	2.237	6,8	90.776	16,4	872,8	21,5
	EFFECTIVO NACIONAL	15.267	100,0	32.685	100,0	555.049	100,0	36,4	2,1

FONTE: DGV – DADOS DE FEVEREIRO DE 2007

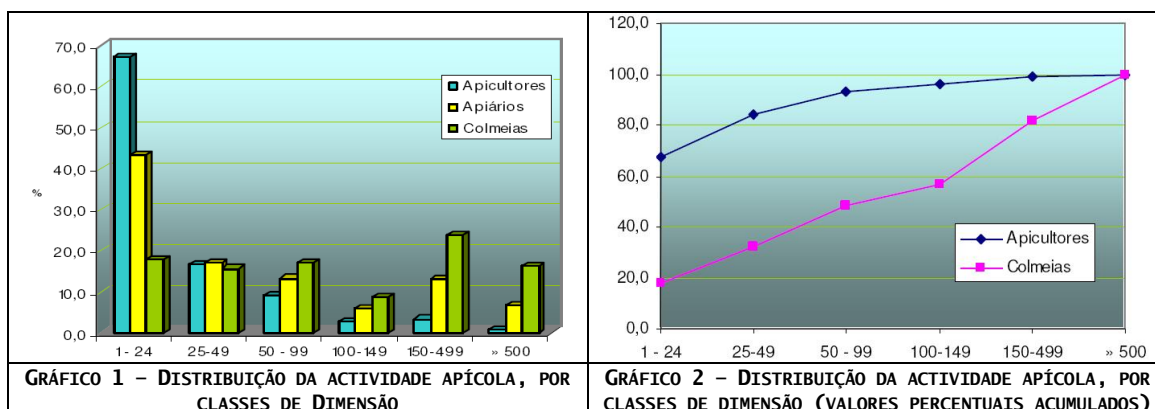
Os apicultores não profissionais, no seu conjunto, representam 95,9% do total e detêm 59,6% do total de colónias (dimensão média de 22,6 colónias por exploração).

Uma análise detalhada das várias classes de dimensão de não profissionais demonstra que:

- As explorações com menos de 25 colónias são detidas por 67,3% dos apicultores (10.281 apicultores), mas representam apenas 18% do total de colónias (dimensão média de 9,7 colónias por apicultor);
- As explorações com uma dimensão entre 25 colónias e 50 colónias são detidas por 16,7 % dos apicultores (2.547 apicultores) e representam 15,7% das colónias (dimensão média de 34,2 colónias por apicultor);
- As explorações com uma dimensão entre 50 e 150 colónias são detidas por 11,9% dos apicultores (1.814 apicultores) e representam 25,9% das colónias (dimensão média de 79,4 colónias por apicultor).

No que respeita aos apicultores profissionais, estes representam apenas 4,1% do total de apicultores (625 apicultores) mas, em contrapartida, detêm 40,4% do efectivo total (dimensão média de 358 colónias por apicultor). Uma análise detalhada das várias classes de dimensão demonstra que:

- As explorações com uma dimensão entre 150 colónias e 500 colónias são detidas por 3,4% dos apicultores (521 apicultores) e representam 24% do total de colónias (dimensão média de 255,6 colónias por apicultor);
- As explorações com mais de 500 colónias são detidas apenas por 0,7% dos apicultores (104 apicultores) e representam 16,4% do total de colónias (dimensão média de 872,8 colónias por apicultor).



A análise conjunta dos gráficos acima (Gráficos 1 e 2), é bem demonstrativa do contraste existente entre a estrutura do número de apicultores e a estrutura do potencial produtivo:

- As explorações com menos de 50 colónias representam 84% do número de apicultores e detêm 33,7% do efectivo;
- As explorações com mais de 150 colónias, como referido, representam 4,1% do número de apicultores e detêm 40,4% do efectivo.

DISTRIBUIÇÃO REGIONAL DO EFECTIVO APÍCOLA

De seguida apresenta-se a distribuição regional do efectivo apícola por classes de dimensão:

- **Entre Douro e Minho**
 - 72,2% dos apicultores têm menos de 25 colónias e representam apenas 27,2% das colónias (dimensão média de 9,9 colónias por apicultor);
 - 2,5% dos apicultores têm mais de 150 colónias e representam 25% das colónias (dimensão média de 262 colónias por apicultor).
- **Trás-os-Montes**
 - 61,1% dos apicultores têm menos de 25 colónias e representam apenas 13,9% das colónias (dimensão média de 9,8 colónias por apicultor);
 - 5,7% dos apicultores têm mais de 150 colónias e representam 43,2% das colónias (dimensão média de 320 colónias por apicultor).
- **Beira Interior**
 - 64,2% dos apicultores têm menos de 25 colónias e representam apenas 16,2% das colónias (dimensão média de 10,3 colónias por apicultor);
 - 4,1% dos apicultores têm mais de 150 colónias e representam 43,6% das colónias (dimensão média de 433 colónias por apicultor).
- **Beira Litoral**
 - 82,3% dos apicultores têm menos de 25 colónias e representam 40,3% das colónias (dimensão média de 8,7 colónias por apicultor);
 - 0,9% dos apicultores têm mais de 150 colónias e representam 14% das colónias (dimensão média de 295 colónias por apicultor).
- **Ribatejo e Oeste**
 - 65,1% dos apicultores têm menos de 25 colónias e representam apenas 21,6% das colónias (dimensão média de 10,9 colónias por apicultor);
 - 2,8% dos apicultores têm mais de 150 colónias e representam 27,2% das colónias (dimensão média de 324 colónias por apicultor).
- **Alentejo**
 - 47,2% dos apicultores têm menos de 25 colónias e representam apenas 8,8% das colónias (dimensão média de 11,6 colónias por apicultor);
 - 8,7% dos apicultores têm mais de 150 colónias e representam 51,7% das colónias (dimensão média de 372 colónias por apicultor).
- **Algarve**
 - apenas 37,4% dos apicultores têm menos de 25 colónias e representam apenas 4,7% das colónias (dimensão média de 12 colónias por apicultor);
 - 15,8% dos apicultores têm mais de 150 colónias e representam 66,1% das colónias (dimensão média de 399,7 colónias por apicultor).
- **Açores**
 - 78% dos apicultores têm menos de 25 colónias e representam 31,9% das colónias (dimensão média de 7,8 colónias por apicultor);
 - apenas dois apicultores têm mais de 150 colónias e representam 10% das colónias (dimensão média de 282 colónias).

- **Madeira**
 - 91% dos apicultores têm menos de 25 colónias e representam 58,4% das colónias (dimensão média de 7,1 colónias por apicultor);
 - apenas um apicultor tem mais de 150 colónias e representa 3% das colónias.

PERFIL DO APICULTOR

Como já se referiu, o efectivo nacional é maioritariamente detido por pequenos apicultores. Trata-se pois de uma actividade exercida a título acessório, como complemento de uma actividade principal agrícola ou não, com efectivos médios inferiores a 50 colónias e constituindo uma apicultura que, sobretudo no escalão inferior a 25 colónias, é fundamentalmente baseada no auto-consumo.

Na maioria das explorações, e uma vez que a apicultura não constitui a actividade principal, a produção encontra-se orientada para resultados de curto prazo, verificando-se uma quase inexistência de planeamento estratégico e de orientação para o mercado.

Tecnicamente, as explorações possuem efectivos de baixa produtividade, falta de mão-de-obra especializada duradoura (problemas de baixo nível de escolaridade e de insuficiente formação específica), carências a nível de maneo sanitário e um deficiente maneo técnico (escasso recurso a alimentação artificial, insuficiente substituição de rainhas, falta de controlo da enxameação, escasso recurso à prática da transumância e inadequada instalação dos apiários).

Apresentam-se de seguida as conclusões sugeridas pelo estudo “Eficácia Actual do Apistan e do Apivar na Luta contra a Varroose em Portugal”, relativas à caracterização etária, nível de escolaridade e de formação específica dos apicultores portugueses.

Caracterização Etária

- A idade média dos apicultores corresponde aos 56 anos, variando entre uma idade mínima de 22 e uma idade máxima de 87 anos de idade;
- A classe etária mais representativa é a dos 55 aos 64 anos (26%);
- 57% dos apicultores inquiridos têm uma idade superior a 55 anos, o que indica que esta actividade é ainda, sobretudo, praticada por pessoas relativamente idosas;
- Beja, Bragança e Viana do Castelo são os distritos com maior representatividade de apicultores com idades inferiores a 35 anos;
- Évora e Bragança são os distritos em que a classe etária correspondente a uma idade superior a 75 anos é mais representativa.

Nível de Escolaridade

- 64% dos apicultores possuem a escolaridade básica;
- 24% possuem a escolaridade secundária;
- 7% possuem a escolaridade superior;
- e 5% são iletrados.

Formação Apícola Específica

- 73% dos apicultores nunca tiveram qualquer formação específica no domínio apícola (enorme *déficit* ao nível da formação apícola específica);
- Nos distritos de Braga e de Portalegre existe uma maior percentagem de apicultores com formação apícola (48%);
- A maior percentagem de apicultores sem formação apícola surge nos distritos de Viseu (92%) e Guarda (88%).

ASSOCIATIVISMO

No seu conjunto, encontram-se identificadas 52 entidades colectivas representativas do sector, das quais 36 são associações de produtores, 14 são cooperativas e 2 são sociedades.

Estas entidades representaram em 2006:

- Cerca de 6 mil apicultores (40% dos apicultores portugueses);
- Cerca de 196 mil colónias (35% do total de colónias).

É de realçar a sua forte implantação regional, apresentando-se na tabela 4 a forma como evoluíram, por região, o número de apicultores e o seu efectivo entre 2004 e 2006.

	APICULTORES			COLÓNIAS		
	2004	2005	2006	2004	2005	2006
EDM	2425	2450	2455	16375	16908	18157
TM	739	726	850	31979	38423	43521
BI	385	408	464	8683	10823	17273
BL	804	813	889	13614	17428	20086
RO	250	254	286	0	0	4250
ALT	499	513	552	38586	35177	39587
ALG	188	249	280	47264	53233	50606
RAA	14	14	14	637	616	665
RAM	283	283	283	1500	1800	2500
TOTAL	5587	5710	6073	158638	174408	196645

FONTE: GPP, INQUÉRITO ÀS ORGANIZAÇÕES DO SECTOR APÍCOLA, 2007

ASSISTÊNCIA TÉCNICA

A grande maioria das entidades colectivas com actuação no domínio da apicultura, tem como principal objectivo a prestação de serviços aos associados, sobretudo ao nível da assistência técnica.

Apresenta-se na tabela 5 a evolução e distribuição regional do número de técnicos financiados pelo Programa Apícola Nacional em 2005 e 2006, para prestação de serviços em associações e cooperativas do sector.

TABELA 5 – NÚMERO DE TÉCNICOS FINANCIADOS PELO PAN EM 2005 E 2006									
	EDM	TM	BI	BL	RO	ALT	ALG	RAA	TOTAL
2005	1	5	4	5	1	7	3	2	28
2006	1	5	6	7	2	7	2	2	30

FONTE: INGA

De acordo com as conclusões do inquérito às organizações do sector apícola, foram efectuadas em 2006, um total de 4988 visitas de assistência técnica pelos técnicos ao serviço das organizações, com os objectivos que se encontram seriados na tabela 6.

TABELA 6 – SERVIÇOS DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA PRESTADOS EM 2006, NO ÂMBITO DO PAN 2005-2007	
	Nº DE VISITAS
ASSISTÊNCIA TÉCNICA	2549
ASSISTÊNCIA SANITÁRIA	1696
OUTROS SERVIÇOS	743
TOTAL	4988

FONTE: GPP, INQUÉRITO ÀS ORGANIZAÇÕES DO SECTOR APÍCOLA, 2007.

Verifica-se que, nas trinta organizações de apicultores que beneficiaram de assistência técnica em 2006, este número total de visitas é muito superior ao número de apicultores associados (3696), facto bastante significativo da importância deste tipo de serviço nas organizações, bem como da forma como dinamiza o sector.

No que respeita aos benefícios atribuídos aos serviços de assistência técnica prestados (tabela 7), as respostas fornecidas através do mesmo inquérito são um reflexo da sensibilidade das organizações nesta matéria e revelam:

- Um particular relevo atribuído à melhoria dos conhecimentos técnicos dos apicultores (92%), nas suas mais variadas vertentes;
- Um papel também importante atribuído a aspectos relacionados com a qualidade e a comercialização (58%), onde se encontram englobados temas que vão desde as análises ao mel, a higiene e a segurança alimentar, até à produção de pólen e outros produtos apícolas;

TABELA 7 – PRINCIPAIS BENEFÍCIOS DOS SERVIÇOS DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA	
RESULTADOS	RESPOSTAS POSITIVAS
CONHECIMENTOS TÉCNICOS DO APICULTOR	92 %
QUALIDADE E COMERCIALIZAÇÃO	58 %
SANIDADE DOS EFECTIVOS	46 %
RENTABILIDADE DA ACTIVIDADE	38 %

FONTE: GPP, INQUÉRITO ÀS ORGANIZAÇÕES DO SECTOR APÍCOLA, 2007.

- Em terceiro lugar, a importância atribuída à melhoria da sanidade dos efectivos (46%);

- Por último, um papel relativo à melhoria da rentabilidade da actividade (38%), nomeadamente quanto ao aumento da respectiva produção unitária.

CONTA DE CULTURA

Apresentam-se, na tabela 8, os dados relativos à conta de cultura da actividade apícola em Portugal, em 2006, discriminando:

- A actividade apícola não profissional, à qual é atribuída uma produtividade de 9 Kg por colónia e em que se apresenta o caso de um apicultor com 50 colónias;
- A actividade apícola profissional, à qual é atribuída uma produtividade de 15 Kg por colmeia, com um acréscimo de produtividade de 50% em transumância (considerando que a transumância é efectuada por 40% do efectivo) e em que se apresenta o caso de um apicultor com 500 colónias.

TABELA 8 – CONTA DE CULTURA DA ACTIVIDADE APÍCOLA EM PORTUGAL – 2006

ACTIVIDADE APÍCOLA - APICULTOR NÃO PROFISSIONAL				ACTIVIDADE APÍCOLA - APICULTOR PROFISSIONAL							
VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO ANUAL				VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO ANUAL							
				Sem Transumância		Com Transumância					
Efectivo de exploração	50			Efectivo de exploração	500		500				
Produção principal - MEL ⁽¹⁾ (Kg/colónia)	9			Produção principal - MEL ⁽¹⁾ (Kg/colónia)	15		18				
Produtos secundários - Envases ⁽²⁾ (nº)	20			Produtos secundários - Envases ⁽²⁾ (nº)	200		200				
		Embalado	Granel		Embalado	Granel	Embalado	Granel			
Preço do mel (Kg) ⁽³⁾	4,35 €	2,23 €		Preço do mel (Kg) ⁽³⁾	4,35 €	2,23 €	4,35 €	2,23 €			
Preço envase ⁽⁴⁾		30,00 €		Preço envase ⁽⁴⁾		30,00 €		30,00 €			
VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO POR COLMEIA	53,27 €			VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO POR COLMEIA	47,57 €		54,26 €				
VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO TOTAL	2.663,50 €			VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO TOTAL	23.785,00 €		27.130,00 €				
VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO POR Kg	5,92 €			VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO POR Kg	3,17 €		3,01 €				
CUSTOS ANUAIS (em €)				CUSTOS ANUAIS (em €)							
CUSTOS FIXOS				CUSTOS FIXOS							
Rubricas				Por colmeia		Total		Por colmeia		Total	
Encargos com Capital Fixo											
Assentos e outras construções ⁽⁵⁾	1,50 €	75,00 €		Assentos e outras construções ⁽⁵⁾	3,00 €	1.500,00 €	3,00 €	1.500,00 €			
Custo das colmeias ⁽⁶⁾	8,40 €	420,00 €		Custo das colmeias ⁽⁶⁾	8,40 €	4.200,00 €	8,40 €	4.200,00 €			
Ferramentas e outros utensílios ⁽⁶⁾	0,41 €	20,50 €		Ferramentas e outros utensílios ⁽⁶⁾	0,04 €	20,50 €	0,04 €	20,50 €			
Equipamento de protecção ⁽⁶⁾	1,55 €	77,50 €		Equipamento de protecção ⁽⁶⁾	0,16 €	77,50 €	0,16 €	77,50 €			
Equipamento de extracção de mel ⁽⁶⁾	2,41 €	120,63 €		Equipamento de extracção de mel ⁽⁶⁾	0,79 €	393,75 €	0,79 €	393,75 €			
Equipamento de extracção de cera ⁽⁶⁾	0,87 €	43,33 €		Equipamento de extracção de cera ⁽⁶⁾	0,14 €	68,67 €	0,14 €	68,67 €			
Despesas com Viaturas ⁽⁶⁾	0,85 €	42,58 €		Despesas com Viaturas ⁽⁶⁾	0,85 €	425,83 €	0,85 €	425,83 €			
Despesas c/ Viaturas(transumância) ⁽⁶⁾	0,00 €	0,00 €		Despesas c/ Viaturas(transumância) ⁽⁶⁾							
Despesas c/ Equipam(transumância) ⁽⁶⁾				Despesas c/ Equipam(transumância) ⁽⁶⁾							
Encargos com Mão-de-Obra											
Mão d'Obra e E. Sociais ⁽⁶⁾	18,86 €	942,75 €		Mão d'Obra e E. Sociais ⁽⁶⁾	18,86 €	9.427,50 €	18,86 €	9.427,50 €			
Transumância (mão-de-obra) ⁽⁶⁾	0,00 €	0,00 €		Transumância (mão-de-obra) ⁽⁶⁾			2,51 €	1.257,00 €			
Encargos com Rendas											
Rendas (apiários) ⁽⁶⁾	0,00 €	0,00 €		Rendas (apiários) ⁽⁶⁾	0,56 €	278,75 €	0,56 €	278,75 €			
Outros Encargos Fixos											
Quotizações ⁽⁶⁾	0,50 €	25,00 €		Quotizações ⁽⁶⁾	0,05 €	25,00 €	0,05 €	25,00 €			
CUSTO FIXO POR COLMEIA	35,35 €			CUSTO FIXO POR COLMEIA	32,84 €		39,37 €				
CUSTO FIXO TOTAL (CF)	1.767,29 €			CUSTO FIXO TOTAL (CF)	16.417,50 €		19.685,50 €				
CUSTOS VARIÁVEIS				CUSTOS VARIÁVEIS							
Rubricas				Por colmeia		Totais		Por colmeia		Totais	
Encargos com Consumos Intermediários											
Reposição de ceras ⁽⁶⁾	0,40 €	20,00 €		Reposição de ceras ⁽⁶⁾	0,40 €	200,00 €	0,40 €	200,00 €			
Reposição de quadros ⁽⁶⁾	1,50 €	75,00 €		Reposição de quadros ⁽⁶⁾	1,50 €	750,00 €	1,50 €	750,00 €			
Alimentação artificial ⁽⁶⁾	0,00 €	0,00 €		Alimentação artificial ⁽⁶⁾	1,12 €	557,50 €	1,12 €	557,50 €			
Controlo de doenças ⁽⁶⁾	8,50 €	425,00 €		Controlo de doenças ⁽⁶⁾	8,50 €	4.250,00 €	8,50 €	4.250,00 €			
Embalagens ⁽⁶⁾	3,33 €	166,50 €		Embalagens ⁽⁶⁾	1,54 €	768,33 €	1,54 €	768,33 €			
Encargos com viaturas ⁽⁶⁾	1,17 €	58,67 €		Encargos com viaturas ⁽⁶⁾	1,17 €	586,67 €	1,17 €	586,67 €			
Encargos c/ viaturas (transumância) ⁽⁶⁾	0,00 €	0,00 €		Encargos c/ viaturas (transumância) ⁽⁶⁾							
Outros Custos Variáveis											
Jornais e Revistas ⁽⁶⁾	0,50 €	25,00 €		Jornais e Revistas ⁽⁶⁾	0,05 €	25,00 €	0,05 €	25,00 €			
CUSTO VARIÁVEL POR COLMEIA	15,40 €			CUSTO VARIÁVEL POR COLMEIA	14,28 €		15,68 €				
CUSTO VARIÁVEL TOTAL (CV)	770,17 €			CUSTO VARIÁVEL TOTAL (CV)	7.137,50 €		7.841,50 €				
RESULTADOS				RESULTADOS							
VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO (VBP)	2.663,50 €			VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO (VBP)	23.785,00 €		27.130,00 €				
CUSTO TOTAL (CF+CV)	2.537,46 €			CUSTO TOTAL (CF+CV)	23.555,00 €		27.527,00 €				
CUSTO TOTAL (CF+CV) POR COLMEIA	50,75 €			CUSTO TOTAL (CF+CV) POR COLMEIA	47,11 €		55,05 €				
VALOR ACRESCENTADO BRUTO (VAB-VBP-CV)	1.893,33 €			VALOR ACRESCENTADO BRUTO (VAB-VBP-CV)	16.647,50 €		19.288,50 €				
RENDIMENTO EMPRESARIAL LÍQUIDO (REL-VBP-CT)	125,04 €			RENDIMENTO EMPRESARIAL LÍQUIDO (REL-VBP-CT)	230,00 €		-987,00 €				
VAB/Kg	4,21 €			VAB/Kg	2,22 €		2,14 €				
VAB/colmeia	37,87 €			VAB/colmeia	33,30 €		38,58 €				
REL/Kg	0,28 €			REL/Kg	0,03 €		-0,04 €				
REL/colmeia	2,52			REL/colmeia	0,46		-0,79				
UTA		0,05		UTA		0,55		0,82			

FONTE: FNAP

Na tabela 9 apresentam-se os pressupostos e notas explicativas dos cálculos apresentados na tabela 8.

TABELA 9 – CONTA DE CULTURA DA ACTIVIDADE APÍCOLA EM PORTUGAL – PRESSUPOSTOS E NOTAS EXPLICATIVAS

Pressupostos			Preços				
Quantidade	Unidade	Descrição	Valor	Unidade	Descrição		
500	kg	quantidade mínima para vender a retalho	1,50 €		Assentos		
150	m ²	Dimensão da construção	125,00 €	m ²	Construção de instalações		
25	anos	Amortização das construções	42,00 €		Colmeia completa		
5	anos	Vida útil das colmeias	12,00 €		Fumigador		
5	anos	Vida útil dos utensílios	5,00 €		Levanta-quadros		
5	anos	Vida útil do equipamento de protecção	3,50 €		escova		
8	anos	Vida útil dos equipamentos de extração	40,00 €		Fato de apicultor completo		
15	anos	Vida útil dos equipamentos de processamento de cera	7,50 €		Polainitos		
10	anos	Vida útil da viatura	10,00 €		LUVAS		
30000	km	por ano de vida útil da viatura	20,00 €		Cinturão anti-lombago		
10	viagens	por ano ao apiário	550,00 €		Extractor eléctrico 12 quadros		
50	km	distância ao apiário	15,00 €		Faca desoperculadora		
10	apiários	exploração do apicultor profissional	150,00 €		Tina de desoperculação pequena		
0,05	ao ano	Encargos financeiros (juros)	250,00 €		depósito de 500 Kg		
15	dias	Trabalho por ano por apiário	1.600,00 €		Extractor eléctrico 42 quadros		
0,2	Kg	de cera por ano por colmeia	900,00 €		Desoperculadora		
			400,00 €		Tina de desoperculação grande		
(1)	As produções médias de mel variam ano após ano, e de região para região. Este ano foi de cerca e 14 Kg colmeia e de 20 Kg colmeia no caso dos profissionais; após transumância, aumenta de 50% (apenas na proporção do efectivo que efectua transumância e que se considera ser 40% do efectivo).						
(2)	Os apicultores produzem por ano, 2 encames por cada 5 colmeias.						
(3)	Os produtores primários de mel podem comercializar uma quantidade máxima de mel a retalho de 500 Kg. A restante produção terá que ser comercializada a granel. Os preços são extraídos do inquérito às organizações de apicultores						
(4)	Preço médio dos encames.						
(a)	Apenas apicultores profissionais utilizam instalações exclusivas para a actividade. Para estas considerou-se uma dimensão de 150 m ² , e amortizações a 25 anos (4%).						
(b)	A vida útil de uma colmeia é de 5 anos						
(c)	Os utensílios (fumigador, levanta-quadros, escova) têm uma vida útil de 5 anos (20%).						
(d)	O equipamento de protecção (Fato completo, polainitos, luvas e cinturão anti-lombago) tem uma vida útil de 5 anos (20%).						
(e)	Os equipamentos de extração (Extração+armazenamento e embalagem) são amortizados a 8 anos (12,5%).						
(f)	Os equipamentos de extração de ceras têm uma vida útil de 15 anos (6,67%).						
Preços			Preços				
Valor	Unidade	Descrição	Valor	Unidade	Descrição		
200,00 €		Pressa pequena	50,00 €	dia	Trabalho		
450,00 €		Caldeira pequena 80L	1,10 €	dia	Seguro de trabalho		
250,00 €		Pressa grande	25,00 €	ano	Quotas organização de apicultores		
780,00 €		Caldeira grande 200L	25,00 €	ano	Assinatura de revistas		
20.000,00 €		Viatura comercial de caixa aberta de 3,5 T	2,00 €	kg	Processamento de ceras		
400,00 €		Seguro automóvel	0,50 €		quadro		
55,00 €		Imposto Municipal de Veículos	8,50 €	colmeia	Tratamentos sanitários		
(g)	Esta rubrica inclui as despesas do apicultor com a viatura que utiliza para a actividade, ou seja as amortizações e encargos financeiros (juros), seguro e selo. Assim, considerou-se uma viatura de 20000 € (viatura comercial de caixa aberta de 3,5 Ton.) a amortizar em 10 anos à razão de 30000 Km por ano.						
		Amortização da viatura	33,33 €	Profissionais	333,33 €	Transumância	400,00 €
		Encargos financeiros	1,67 €	Profissionais	16,67 €		20,00 €
		Seguro da viatura	6,67 €	Profissionais	66,67 €		80,00 €
		Selo	0,92 €	Profissionais	9,17 €		11,00 €
		Total por Colmeia	0,87 €	Total por Colmeia	0,69 €		0,82 €
(h) e (i)	Considerou-se que para cada apiário se fazem 10 deslocações por ano e que se trabalham 5 dias de trabalho na exploração para embalagem e processamento do mel por cada apiário. Assim, obtemos um valor de 15 dias de trabalho por ano e por apiário. O dia de trabalho custa 50 €. Os Encargos Sociais são 23,5% dos salários, e o seguro de trabalho é de 400 € por ano, pelo que importa uma quantia de 1,10 € por dia.						
		Mão-de-Obra	750,00 €	Profissionais	7.500,00 €	Transumância	1.000,00 €
		Seguros	16,50 €	Profissionais	165,00 €	Horas	NP 120
		Encargos sociais	176,25 €	Profissionais	1.762,50 €		P 1200
		Total por Colmeia	19,24 €	Profissionais	15,21 €		T 160
(j)	A renda é paga em géneros. O não profissional não paga renda, enquanto o profissional entrega 0,25 Kg de mel por cada colmeia.						
(k)	O consumo de ceras (reposição) é de 200 gr. por colmeia/ano. O custo do processamento das ceras (purificação e moldagem) é de 2,00 € por Kg, pelo que nesta rubrica importa uma quantia de 0,40 €/ano/colmeia.						
(l)	Considerou-se a substituição de 3 quadros por ano.						
(m)	A alimentação artificial apenas é feita por apicultores profissionais e em anos em que tal se justifique. Nestes anos o consumo é de 0,5 Kg de mel por colmeia						
(n)	Para as despesas com o controlo de doenças considerou-se para o controlo da Varroa um valor de 7 €/colmeia/ano, ao que se junta um valor de 1,5 €/colmeia/ano para o controlo e prevenção das restantes doenças.						
(o)	Os apicultores não profissionais vendem a sua produção directamente ao consumidor, enquanto os profissionais têm um limite fixado por lei, que apenas lhe permite comercializar a retalho 500 kg. O resto da produção é vendida a granel (bidons).						
(p)	Estes encargos incluem os gastos com combustível e com a conservação e reparação da viatura (TRANSMANÇIA INCLUIDA). Considerou-se que o consumo médio é de 10 L por cada 100 Km, e de 550 €/ano para conservações e reparações para os 30000 Km. O apicultor desloca 4 apiários (200 colmeias) a uma distância de 500 Km cada (ida e volta) fazendo ao todo 3 deslocações por apiário (12 no total). Utilização de uma viatura comercial de caixa aberta (de 3,5 Ton.) de valor: 20000 € a amortizar durante 10 anos). Necessita ainda de realizar mais 2 dias de trabalho no armazém (no total 5 dias por apiário transumante) A prática da transumância aumenta a produção média de mel(colmeia/ano) para 30 Kg.						
(q) e (r)	Os apicultores estão na sua maioria filiados em Organizações de Apicultores e pode-se considerar que obtêm alguma informação através da assinatura de revistas da especialidade.						
Pressupostos			Preços				
Quantidade	Unidade	Descrição	Valor	Unidade	Descrição		
3	quadros	substituídos por colmeia por ano	0,27 €	kg	frascos de mel		
0,5	Kg	de mel utilizados em alimentação das colmeias	0,04 €	kg	caixa de cartão de 12 frascos		
12	frascos	caixa de cartão para acondicionamento de frascos	0,06 €	kg	rótulos por frasco		
300	Kg	de mel à capacidade de cada bidon	25,00 €		bidon de 300kg		
10	L	consumo médio de combustível /100 Km	0,99 €	L	Gasóleo		
3	viagens	por ano aos apiários transumantes	550,00 €		conservações e reparações		
500	km	distância aos apiários transumantes					
4	apiários	transumantes					
5	dias	de trabalho por apiário transumante					

Na tabela 10, é apresentada uma síntese dos dados constantes da tabela 9, efectuada com o objectivo de destacar os valores dos custos (fixos e variáveis), o valor bruto da produção (VBP), o valor acrescentado bruto (VAB) do resultado empresarial líquido (REL) para os seguintes tipos de dimensão:

- Dentro da actividade apícola não profissional, escolheram-se dois níveis de apicultores:
- Apicultores com 23 colónias (que, como já foi referido, corresponde à **dimensão média do apicultor não profissional**);
- Apicultores com 36 colónias (que, como também já foi referido, corresponde à **dimensão média do apicultor português**);
- Apicultores com 79 colónias (que, como também já foi referido, corresponde à **dimensão média do apicultor com mais de 50 e menos de 150 colónias**);
- Dentro da actividade apícola profissional, escolheram-se os seguintes níveis:
 - Apicultores com 490 colónias;
 - Apicultores com 600 colónias;
 - Apicultores com 1000 colónias.

TABELA 10 – SÍNTESE DA CONTA DE CULTURA DA ACTIVIDADE APÍCOLA EM PORTUGAL – 2006									
Nº DE COLÓNIAS	APICULTOR NÃO PROFISSIONAL			APICULTOR PROFISSIONAL					
	23	36	79	490		600		1000	
				ST*	CT**	ST*	CT**	ST*	CT**
CUSTO VARIÁVEL (CV) POR COLÓNIA	17,37	16,06	14,79	14,31	15,74	14,02	15,20	13,52	14,22
CUSTO FIXO (CF) POR COLÓNIA	65,22	45,24	26,00	33,29	39,96	29,11	34,55	21,65	24,91
CUSTO TOTAL (CT) POR COLÓNIA	82,58	61,30	40,79	47,60	55,70	43,13	49,75	35,17	39,13
VBP POR KG	5,68	5,68	5,05	3,17	3,02	3,15	2,99	3,10	2,96
VBP POR COLÓNIA	51,15	51,15	45,49	47,61	54,30	47,22	53,91	46,51	53,20
VAB (VBP-CV) POR KG	3,75	3,90	3,41	2,22	2,14	2,21	2,15	2,10	2,17
VAB (VBP-CV) POR COLÓNIA	33,78	35,10	30,70	33,31	38,56	33,19	38,71	32,99	38,98
REL (VBP-CT) POR KG	-3,49	-1,13	0,52	0,00	-0,08	0,27	0,23	0,76	0,78
REL (VBP-CT) POR COLÓNIA	-31,43	-10,15	4,69	0,02	-1,40	4,09	4,16	11,34	14,06

ST* SEM TRANSUMÂNCIA CT** COM TRANSUMÂNCIA
 FONTE: FNAP

CUSTOS DE PRODUÇÃO EM PORTUGAL E NA UE

Da análise do tabela 10, constata-se que:

- Um apicultor com uma dimensão média de 23 colónias, correspondente à dimensão média do apicultor não profissional (ou seja, a 95,9% dos apicultores portugueses) apresenta um custo total de 82,58 €/colmeia;
- Um apicultor com uma dimensão média de 36 colónias, correspondente à dimensão média do apicultor português, apresenta um custo total de 61,3 €/colmeia;
- Um apicultor com uma dimensão média de 79 colónias, correspondente à dimensão média do apicultor não profissional de maior dimensão (ou seja, a 11,9% dos apicultores portugueses) apresenta um custo total de 40,79 €/colmeia.

Os dados disponíveis relativamente aos custos de produção na UE datam de 2001¹. Apresentando uma grande heterogeneidade ao nível dos diferentes Estados

¹ Relatório da Comissão ao Conselho e ao Parlamento Europeu, relativo à aplicação do Regulamento (CE) n.º 1221/97 do Conselho, que estabelece as regras gerais de execução para as acções de melhoria da produção e comercialização de mel

Membros (EM), sendo, portanto, difícil calcular um custo médio comunitário, a Comissão Europeia agrupa os EM nas seguintes três categorias, de acordo com o nível dos seus custos de produção (não existia estimativa para os custos da Irlanda):

- EM com custos elevados, entre 112 e 142 euros/colmeia (D, S, FIN, UK, NL);
- EM com custos médios, entre 56 e 91 euros/colmeia (ÖST, DK, B, L, P);
- EM com custos baixos, entre 20 e 41 euros/colmeia (GR, E, F, I).

Apesar de alguma natural margem de desactualização, e do facto de se tratar de dados anteriores ao alargamento da UE a 25 EM, a sua análise permite, todavia, salientar que:

- A diferença entre o custo mais alto registado no grupo de EM com custos mais elevados e o custo mais baixo registado no grupo de EM com custos inferiores é superior a 120 €/colmeia;
- Existe um certo grau de proximidade entre os números relativos aos três EM que detêm 56% do efectivo total da União Europeia: a média dos custos de produção comunicados pela Grécia, pela Espanha e pela França era de 36,5 €/colmeia;
- Portugal, integrado no grupo de EM com custos médios, apresenta custos que, no caso da dimensão média do apicultor não profissional, vão até mais do dobro do custo médio registado nos principais países produtores.

VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO

De acordo com os dados que serviram de base à elaboração da conta de cultura apresentada na tabela 9, é possível estimar o seguinte Valor Bruto da Produção médio, para cada uma das várias classes de dimensão (tabela 11):

TABELA 11 – ESTIMATIVA DO VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO DO SECTOR APÍCOLA				
CLASSES DE DIMENSÃO	N.º TOTAL DE COLÓNIAS	DIMENSÃO MÉDIA (N.º COLÓNIAS/APICULTOR)	VBP MÉDIO (€/COLMEIA)	VBP TOTAL (€)
1 - 24	99.955	10	51	5.097.705
25 - 49	87.090	34	51	4.441.590
50 - 99	95.077	68	48	4.563.696
100 - 149	48.982	119	41	2.008.262
150 - 499	133.170	256	50	6.658.500
> 500	90.776	873	47	4.266.472
Σ	555.049	---	---	27.036.225

Chega-se, por esta via, a uma estimativa global de, aproximadamente, 27 milhões de euros para o VBP do sector apícola. Tendo em atenção o VBP estimado para a produção animal, para o período de 2003-2005, que atinge o montante de 2.627 milhões de euros, é possível concluir que a produção apícola representa cerca de 1,03% do total do valor bruto da produção animal.

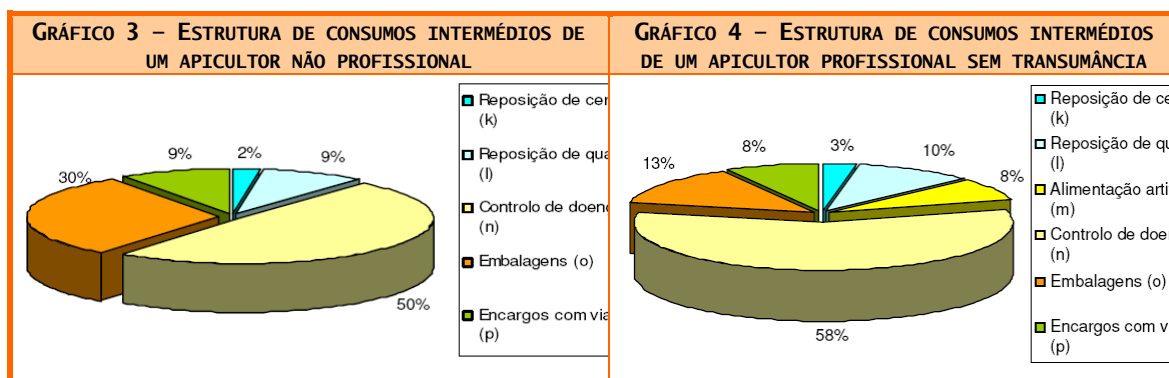
Estrutura de Consumos Intermédios

A análise da estrutura dos consumos intermédios, efectuada a partir da tabela 11 e que se apresenta nos gráficos 3 e 4, permite constatar que as despesas com o controlo das doenças e com as embalagens são as duas rubricas que assumem um maior peso no cômputo global:

- As despesas com o controlo das doenças representam, pelo menos, 50% do total dos consumos intermédios (58% no caso do apicultor profissional não transumante);
- As despesas com embalagens são a segunda rubrica mais pesada na estrutura de consumos intermédios, assumindo um papel particularmente elevado no apicultor não profissional (grande peso da venda de mel embalado, em compensação com um preço mais elevado relativamente ao preço de venda a granel).

Em terceiro lugar, surgem:

- Para o pequeno apicultor, as despesas com a reposição de quadros e ceras e as despesas com viaturas (9% cada), seguidas das despesas com a reposição de ceras (2%);
- Para o apicultor profissional (sem transumância), as despesas com a reposição de tabelas (10%), as despesas com a alimentação artificial e com viaturas (8% cada) e, por último, as despesas com a reposição de ceras (3%).



Uma vez que todas as rubricas de consumos intermédios em questão constituem variáveis sobre as quais o apicultor tem pouca ou nenhuma capacidade de intervenção (variáveis exógenas), pode concluir-se que qualquer optimização do valor acrescentado bruto da actividade apícola terá de vir a ser gerada:

- Pela via de um aumento da escala e conseqüente diminuição de custos unitários (economias de escala);
- Pela via de uma optimização do valor bruto da produção média por colmeia.

RESULTADO EMPRESARIAL LÍQUIDO

A análise apresentada na tabela 10, que, como se viu, foi efectuada num cenário em que não são consideradas as ajudas do Programa Apícola (quer para medicamento ou ceras, quer para equipamento de transumância), permite retirar as seguintes conclusões fundamentais relativamente ao Resultado Empresarial Líquido:

- No que diz respeito à actividade apícola não profissional:
 - Sem as ajudas do Programa Apícola, um apicultor com uma dimensão média de 23 colónias (dimensão média do apicultor não profissional) e um apicultor com uma dimensão média de 36 colónias (dimensão média do apicultor português) apresentam prejuízo na sua actividade apícola (REL negativo), sendo que esta situação de prejuízo apenas se inverte a partir das 50 colónias;
- No que diz respeito à actividade apícola profissional, e no mesmo cenário de ausência de ajudas:
 - Um apicultor profissional com menos de 490 colónias apresenta prejuízo da sua actividade apícola (REL negativo);
 - Um apicultor profissional com mais de 490 colónias e menos de 600 colónias já não apresenta prejuízo, mas não tem qualquer vantagem em praticar transumância (o REL por colmeia com transumância só supera o REL por colmeia sem transumância acima das 600 colónias);
 - Um apicultor profissional com 1000 colónias (saliente-se que apenas existem 127 apicultores com esta dimensão) já apresenta um REL que, no caso da prática de transumância, ronda o montante de 0,78€/kg e 14,06€/colmeia.

SUBCOMISSÃO PARLAMENTAR DE AGRICULTURA, DESENVOLVIMENTO RURAL E PESCAS

ANÁLISE SWOT DO SECTOR APÍCOLA NACIONAL

PONTOS FORTES

- UMA PERCENTAGEM MUITO ELEVADA DE EFECTIVO CONCENTRADA NUM REDUZIDO NÚMERO DE APICULTORES;
- FORTE IMPLANTAÇÃO REGIONAL DAS ORGANIZAÇÕES DE APICULTORES, EXISTÊNCIA DE TÉCNICOS COM FORMAÇÃO, COM VONTADE DE INTERVIR NO CIRCUITO DE COMERCIALIZAÇÃO;
- EXISTÊNCIA DE UMA RAÇA AUTÓCTONE, COM EVENTUAL POSSIBILIDADE DE ECOTIPOS, COM UMA ELEVADA RUSTICIDADE E ADPTAÇÃO ÀS NOSSAS CONDIÇÕES EDAFO-CLIMÁTICAS (EMBORA COM NECESSIDADE DE MELHORAMENTO);
- LOCALIZAÇÃO DAS PRINCIPAIS EXPLORAÇÕES APÍCOLAS NO INTERIOR DO PAÍS, EM ÁREAS POUCO SUJEITAS À PRESSÃO HUMANA;
- ACRÉSCIMO SIGNIFICATIVO DA ÁREA DE CULTURAS E PASTAGENS EM MPB (EM 2005, A ÁREA DE PASTAGENS E CULTURAS FORRAGEIRAS ERA DE 154.752 HA E A ÁREA DE POUSIO ERA DE 1.260 HA);
- O MEL É UM PRODUTO ESTÁVEL E SEGURO, FÁCIL DE ENQUADRAR NUM SISTEMA DE RASTREABILIDADE;
- AUMENTO SIGNIFICATIVO DAS INTENÇÕES DE LICENCIAMENTO;
- EXISTÊNCIA DE CENTRAIS MELEIRAS DEDICADAS À EXTRACÇÃO, EMBALAMENTO E DISTRIBUIÇÃO DE MEL;

PONTOS FRACOS

- IDADE ELEVADA DO APICULTOR, BAIXO NÍVEL DE ESCOLARIDADE E FORMAÇÃO TÉCNICA INSUFICIENTE, RESULTANDO NUMA DEFICIENTE APLICAÇÃO DE BOAS PRÁTICAS NO MANEIO PRODUTIVO, EM TODAS AS FASES DA FILEIRA;
- UMA PERCENTAGEM MUITO ELEVADA DE PEQUENOS APICULTORES CONCENTRA UMA PERCENTAGEM MUITO PEQUENA DO EFECTIVO;
- BAIXA TAXA DE PROFISSIONALIZAÇÃO DO SECTOR;
- ELEVADA PERCENTAGEM DE CORTIÇOS E NÚCLEOS;
- QUASE INEXISTÊNCIA DE MANEIO SANITÁRIO PROFILÁTICO E DEFICIENTE MANEIO TERAPÉUTICO, COM DESAJUSTE E INCORRECÇÃO DOS TRATAMENTOS APLICADOS;
- EXISTÊNCIA DE APENAS UMA ZONA CONTROLADA;
- INDÍCIOS DE UMA EFICÁCIA DE 70% DE DOIS DOS PRODUTOS HOMOLOGADOS PARA TRATAMENTO DA VARROA (RESISTÊNCIAS DE 30%);
- CUSTOS DE PRODUÇÃO DA ACTIVIDADE APÍCOLA ELEVADOS EM PORTUGAL (MEDICAMENTOS, EMBALAGENS, GASÓLEO);
- OFERTA NACIONAL DE PRODUTOS APÍCOLAS QUE NÃO MEL MUITO REDUZIDA E FRACA RENTABILIZAÇÃO DA EXPLORAÇÃO POR ESTA VIA (RECURSO DA INDÚSTRIA NACIONAL A PRODUTOS IMPORTADOS);
- FRACA OFERTA DE RAINHAS PARA COMERCIALIZAÇÃO E DEFICIENTE SUBSTITUIÇÃO DE RAINHAS POR PARTE DOS APICULTORES;
- CONSUMO RELATIVAMENTE INSPIENTE DE MÉIS DOP E MPB, DEVIDO A FACTORES COMO UMA FALTA DE ESTRATÉGIA DE DIVULGAÇÃO, PRÁTICA DE PREÇOS MUITO ELEVADOS E DIFICULDADES DE ACESSO NOS LOCAIS DE GRANDE CONSUMO;
- BAIXO DINAMISMO DE ALGUMAS ENTIDADES GESTORAS DAS DOP;
- FALTA DE INFORMAÇÃO GENERALIZADA SOBRE OS PROCESSOS DE CRIAÇÃO, REGISTO E RECONHECIMENTO DE UM NOME PROTEGIDO E ELEVADOS CUSTOS DE CONTEXTO INERENTES AOS MECANISMOS DE ACOMPANHAMENTO, GARANTIA, CERTIFICAÇÃO E CONTROLO DE DOP E MPB;
- REDUZIDO NÚMERO DE UNIDADES LICENCIADAS EM PORTUGAL (ELEVADOS CUSTOS DE CONTEXTO);
- REDUZIDA EXPRESSÃO DAS ORGANIZAÇÕES DO SECTOR AO NÍVEL DA COMERCIALIZAÇÃO E POUCA INTERFERÊNCIA EM TERMOS DE CAPACIDADE NEGOCIAL (FRACA CONCENTRAÇÃO DA OFERTA);
- VENDA A GRANEL COMO FORMA MAIS FREQUENTE DE TRANSACÇÃO, COM A CONSEQUENTE PERDA DE MAIS VALIA POR PARTE DOS APICULTORES E DAS SUAS ORGANIZAÇÕES (MAIS VALIAS RECOLHIDAS DIRECTAMENTE POR REDES DE EMBALADORES INTERMEDIÁRIOS, EXTERIORES AO SECTOR);
- ESCASSA IMPLEMENTAÇÃO DE MARCAS QUE PERMITAM UMA MAIOR VISIBILIDADE COMERCIAL AO MEL COMO PRODUTO TRADICIONAL E DE QUALIDADE;
- FALTA DE PLANEAMENTO ESTRATÉGICO E INSUFICIENTE CONHECIMENTO DO MERCADO;
- AUSÊNCIA DE MECANISMOS OBJECTIVOS DE FORMAÇÃO DE PREÇO;
- FALTA DE DIMENSÃO/CAPACIDADE PARA ACESSO A MERCADOS DE EXPORTAÇÃO;

FACTORES INTERNOS

SUBCOMISSÃO PARLAMENTAR DE AGRICULTURA, DESENVOLVIMENTO RURAL E PESCAS

OPORTUNIDADES	AMEAÇAS	FACTORES EXTERNOS
<ul style="list-style-type: none">▪ DIVERSIDADE CLIMÁTICA E OROGRÁFICA DO TERRITÓRIO, PROPÍCIA À PRÁTICA DE TRANSMÂNICA;▪ CLASSIFICAÇÃO DE 25 % DO TERRITÓRIO COM UM ESTATUTO AMBIENTAL RECONHECIDO E PROTEGIDO, IDEAL PARA A PRÁTICA APÍCOLA (ÁREAS PROTEGIDAS E/OU REDE NATURA 2000);▪ CONDIÇÕES EDAFOCLIMÁTICAS PARA MÉIS MONOFLORAIS E FLORA SILVESTRE MELÍFERA DE QUALIDADE E ABUNDANTE;▪ EXISTÊNCIA DE CULTURAS PERMANENTES COM INTERESSE APÍCOLA, A NÍVEL REGIONAL;▪ DEFINIÇÃO DO SECTOR HORTO-FRUTÍCOLA NACIONAL COMO ESTRATÉGICO NO ÂMBITO DO PDR;▪ CRESCENTE INTERESSE DO CONSUMIDOR E DA INDÚSTRIA OCIDENTAL PELOS PRODUTOS DA APITERAPIA;▪ EXISTÊNCIA DE PRODUTOS DE USO VETERINÁRIO HOMOLOGADOS PARA A APICULTURA, QUE POSSIBILITAM A SUA UTILIZAÇÃO EM MPB;▪ CONCLUSÃO EM 2006 DO “MANUAL DE BOAS PRÁTICAS NA PRODUÇÃO DE MEL”;▪ A APLICAÇÃO DO HACCP PERMITE UMA RAZOÁVEL FLEXIBILIDADE RELATIVAMENTE À UTILIZAÇÃO DE MÉTODOS TRADICIONAIS E RESPECTIVOS REQUISITOS ESTRUTURAIIS;▪ POTENCIALIDADES DA UE, MAIOR IMPORTADOR MUNDIAL DE MEL, COMO NOSSO PARCEIRO COMERCIAL;▪ IMAGEM FORTE DO MEL JUNTO DO CONSUMIDOR, COMO ALIMENTO DE GRANDE RIQUEZA E PUREZA.	<ul style="list-style-type: none">▪ INCÊNDIOS FLORESTAIS (EM 2003, ESTIMA-SE UM TOTAL DE 30 MIL COLÓNIAS AFECTADAS DIRECTA E INDIRECTAMENTE, ENTRE ARDIDAS E SOBREVIVENTES MAS LOCALIZADAS EM ÁREAS ARDIDAS, LOGO IMPRODUTIVAS);▪ APARECIMENTO (A NÍVEL GLOBAL) DE NOVAS DOENÇAS E PARASITAS DAS ABELHAS;▪ CUSTOS DE PRODUÇÃO SUPERIORES AO NÍVEL DOS PRINCIPAIS PAÍSES PRODUTORES DA UE E, CONCRETAMENTE, DA ESPANHA (NOSSO PRINCIPAL MERCADO FORNECEDOR);▪ O PREÇO DO MEL NA UNIÃO EUROPEIA DEPENDE DIRECTAMENTE DAS FLUTUAÇÕES DO PREÇO MUNDIAL;▪ TENDÊNCIA PARA UM AUMENTO DA ÁREA FLORESTAL;▪ IMAGEM DO PRODUTO POSTA EM CAUSA PELA DETECÇÃO DE RESÍDUOS EM MÉIS IMPORTADOS (DIFICULDADE DE IMPLEMENTAÇÃO DA DIRECTIVA 96/23/CE NOS PAÍSES TERCEIROS EXPORTADORES PARA A UE);▪ ASSINATURA DE NOVOS ACORDOS PREFERENCIAIS ENTRE A UE E PAÍSES TERCEIROS (O MEL É FREQUENTEMENTE UTILIZADO COMO MOEDA DE TROCA) COM UM DESMANTELAMENTO PROGRESSIVO DAS BARREIRAS ALFANDEGÁRIAS.	

As duas audiências foram gravadas.

Nada mais havendo a tratar o Senhor Presidente deu os trabalhos por encerrados cerca das 13h lavrando-se a presente acta, que depois de lida e aprovada, vai ser assinada.

O Presidente da Subcomissão

(Miguel Ginestal)